

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Director: ANTONIO COBEIRA — Editor e Proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA — Administrador: RODRIGO A. DA SILVA

Volume XXXVIII

Redacção e Administração  
T. do Convento de Jesus, 4 — Lisboa

20 de Abril de 1915

Comp. e impres. TYP. CESAR PILOTO  
Largo de S. Roque, 11 e 12

N.º 1307

## Situação-Politica



MANIFESTAÇÃO DE SIMPATIA AO GOVERNO — Ministerio aguardando a chegada dos manifestantes  
Sentado: srs. General Pimenta de Castro — presidente do Ministerio — Dr. Guilherme Moreira, Xavier de Brito, Teixeira Guimaraes. De pé: srs. Gomes Teixeira, Nunes da Ponte, Theofilo Trindade, Goulart de Medeiros



CHEGADA DOS MANIFESTANTES Á PRAÇA DO COMERCIO

Realisou-se no dia 12 de Abril uma entusiastica manifestação de simpatia e apoio ao Governo. Fizeram-se representar grande numero de colectividades.

## CRONICA OCCIDENTAL

Não somente nos arraiaes da politica lavram estuosamente a discordia e a desorientação. Queiram apontar nos, se conhecem, provincia ou distrito, região ou localidade, classe ou familia, partido ou tertulia, que permaneçam ainda escapos a esta endemia persistente do nosso paiz...

Para todos os lados que nossos olhos se voltem, encontramos sempre destruições da mesma doença. Desnor-teiam em desvaio os cerebros mais bem organizados. Segregam venenos corrosivos os figados mais sãos. Cresta as almas uma malária de loucura.

*De politica* — nos ja sabemos. Republicanos contra monarchicos, republicanos contra republicanos, monarchicos contra monarchicos — é, pois, nestas lutas que se vão dispersando as debéis energias portuguezas, lutas mesquinhas, sem alcance nem interesse, sem treguas nem mercê, sem medo nem vergonha. E, afinal, não vemos por ahí uma clara e categorisada afirmação de principios — que pudesse de certo modo justificar as...

Por que todos têm culpas no cartório, descomentam-se em gestos de controversias que não vão por certo consolidar os nossos créditos, nem remediar a miseria nacional e entrocam num palanfrório de dize-tu-direi-eu que mais e mais atesta falta de tino, falta de seriedade e falta de pudôr.

*De arte nacional* — que dizer? Todos sabem, mais ou menos, da questão afamada sobre os projetos do monumento a erguer ao marquês de Pombal. O júri, designado para classificar criteriosamente as maquêtas, foi posto varias vezes na rua da Irrisão e amargura por incompetente e suspeito. De resto, ficou nos no imo a convicção de que tanto criticos como artistas são — suspeitos de incompetencia.

O destino é implacavel — meus amigos.

Os erros pagam-se, mais cedo ou mais tarde, com usura. Se não, vejamos...

Acusam de varios crimes o Marquês. Namorou escandalosamente as novidades politicas da estrania donde trouxe uma cabeleira nova e a pevilancia duma luneta ironica. Deu curso a *blague* pessima dos vinhos do Alto Douro. Despediu sobre a capital um terremoto formidando para se dar ares de edificador e homem de estado. Aboliu a escravatura — e, demais, expulsou os jesuitas e supliciou cruelmente os Tavoras.

Para delinquente de tal cadastro, a expiação devia ser tremenda. Com effeito, foi. Os contemporanos adversarios exilarão-no em Pombal e agora, nos inicios do seculo XX, são os proprios admiradores que vão depô-lo nas mãos justiceiras dos srs. Bermudes e Marques da Silva.

O dedo da Providencia é inexoravel. Se a verdade desta asserção não ressaltasse a evidencia — podiamos ainda documental-a apontando a atenção publica o caso recentissimo dum monumento a erigir em Paris ao desditoso Luiz de Camões. Conhecem este homem celebre?

Pois — meus caros senhores — avaliem

da sua indole perversa... Cubiçou a mulher do proximo. Fez *disparates* na India. Naufragou, é certo, para se tornar interessante e impor atitudes a Slingeneyer — autor do quadro, *Camões salvando os «Lusitans» do Naufragio*.

Entoou liricas e perpetrô varias cafonias.

Camões delinuiu? O castigo não se fez esperar. Morreu na enxerga dum hospital.

Actualmente, entusiastas incondicionaes projectaram um monumento ao Epico na capital da França. De começo, foi um italiano de ma morte encarregado de executar no marmore a vera effigie do Poeta — e *executou-a* inexoravelmente. Ao depois, organisou se em Lisboa um concurso que tinha sem duvida por fim decidir do projecto ao monumento do Trinca-Fortes em Paris.

Obteve o primeiro premio uma maquêta, muito espirituosa e muito pitoresca, que representa vigorosamente o episodio do Adamastor.

Aparece-nos, de surprêsa, o fêro gigante, vergando, robusto e válido, ao péso da Torre de Belem, onde se sobrepõem, a redemoinhar, os vagalhões, em furia, do mar alto que succumbe quase a pressão duma galera complicada. Apre! O escultor contou demasiado com as forças dêste filho asperrimo da terra... Somente, esqueceu ao artista colocar no cesto da gávea Luiz de Camões a tocar bandurra significando em ar de brêjeiro aos circustantes:

— Esta tudo em activo serviço!

Era a anedota bocagiana posta em pedra. E, então, gôsto mais exquisito experimentaríamos ainda nos famosos versos de Bocage:

*Camões, grande Camões, quam semelhante,  
Acho teu fado ao meu quando o cotejo...*

ANTONIO COBEIRA.



## Da grande Guerra

## Alleluia

*... Cloches de Pâques! Cloches de Pâques! Que vous sonnez mélancoliquement dans le ciel d'arril!...*

Como aquelle pobre amigo François Coppê, a quem, «a vergonha de certas confissões e a crise da adolescencia» estiolaram na alma a flôr da piedade, até que o balsamo da religião divina lhe trouxe o conforto da *Bonne Souffrance* — assim eu penso tambem no dia solemne de Paschoa, do anno luctuoso de 1917.

*Que vous sonnez mélancoliquement...*

Foi bem a melancolia, essa dôce tristeza temperada de resignação e mysticismo, que hoje se desprende, como um appêlo, como uma benção, e como um choro, de todos os sinos da França.

Pelas aldeias remotas alvoroçaram-se as tôres e os campanarios; e a voz do bronze, naturalmente festiva, foi perder-se num gemido pelos cerros e quebradas, lá muito ao longe, onde morre o sol e o canto dos pegureiros...

No «pays» ao abandono — tantos caes viuvos! tantas choupanas orphãs! — o repique dos sinos devia soar lugubrememente, como um pesado dobre de finados... Ainda em Paris os cachos de lilas, os bouquets e as gerbes de toda a casta de flôres põem uma nota alegre, um ligeiro perfume na anciedade e na esperança, nos jardins e nos salões, nos vestidos brancos e nas toilettes negras...

Mas no «pays» desolado, nas aldeias remotas?...

A vasta e sumptuosa igreja tinha as naves abarrotadas de fieis. Fidalgos da «vieille roche», costureiritas saltitantes, operarios de todos os «faubourgs», soldados, gente da mais varia condição. Como azas brancas, batendo para voar, *cornettes de bonne sœur*...

*Introito ad altare Dei*... E todos se prostraram na lage humildemente... poeira miseravel que nós somos...

Pairava no ar uma immensa quietude. E lá no alto o ministro do Altissimo, preparando o sacrificio do Cordeiro de Deus, debaide procurava esconder a profunda emoção, que lhe vinha alterar na garganta as palavras ungidas do Senhor.

Do orgão magestoso, o instrumento das cem vozes, cahiam sobre o mar de cabeças prosternadas as préces harmoniosas dos psalmos...

*Sanctus... Sanctus...* E aquelle grande silencio religioso tornou-se apavorante... Um frio de morte emmudecera e gelara cada labio. Nem o mais leve ciclo... nem o mais brando e imperceptível murmúrio. So em muitas faces de mulheres piedosas rolavam silenciosamente dois grandes fios de lagrimas...

*Non sum dignus...* Senhor! eu não sou digno...

E a multidão, como se acordara de subito, rojava-se mais baixo ainda no pó da terra, face a face com o lagêdo... Nas mãos tremulas do Sacêrdote a Hostia Sacrosanta pairava como um círculo de luz...

Eram ás centenas os commungantes. Havia róstos de uma palidez macerada, tão alvos como a toalha de linho a que se encostavam...

*Non sum dignus...* Senhor! eu não sou digno...

E o bater nos peitos soava e corria como uma grande revoada de penitencia...

Ah! os pobres soldados não ficariam esquecidos «*sur le front*». Alguem os animava em todos os desanimos e lhes sorria em todas as victorias.

Numa igreja de Paris, que é tambem um dos mais bellos sanctuarios que eu conheço, a França piedosa, em adoração de joelhos, fazia-me volver ao tempo das cruzadas — quando a Fé, que nos arrastou ao Sepulchro, tinha o segredo heroico dos cometimentos immortaes.

A impiedade emmurcheceu a maneira duma flôr venenosa, estiolada sem otvalho. E a França revive para nunca mais morrer.

*... Épanouissez-vous, lilas d'arril! Sonnez à toutes volées, cloches des alleluia!...*

Paris, 4 de Abril de 1917.

BERTRAND DE MONTPOSEL

## MUSEU DE MADRID



**Triunfo da Igreja**

A' extrema direita do quadro vê-se, de pé, o notabilíssimo pintor Meinling-pae

## ABNEGAÇÃO



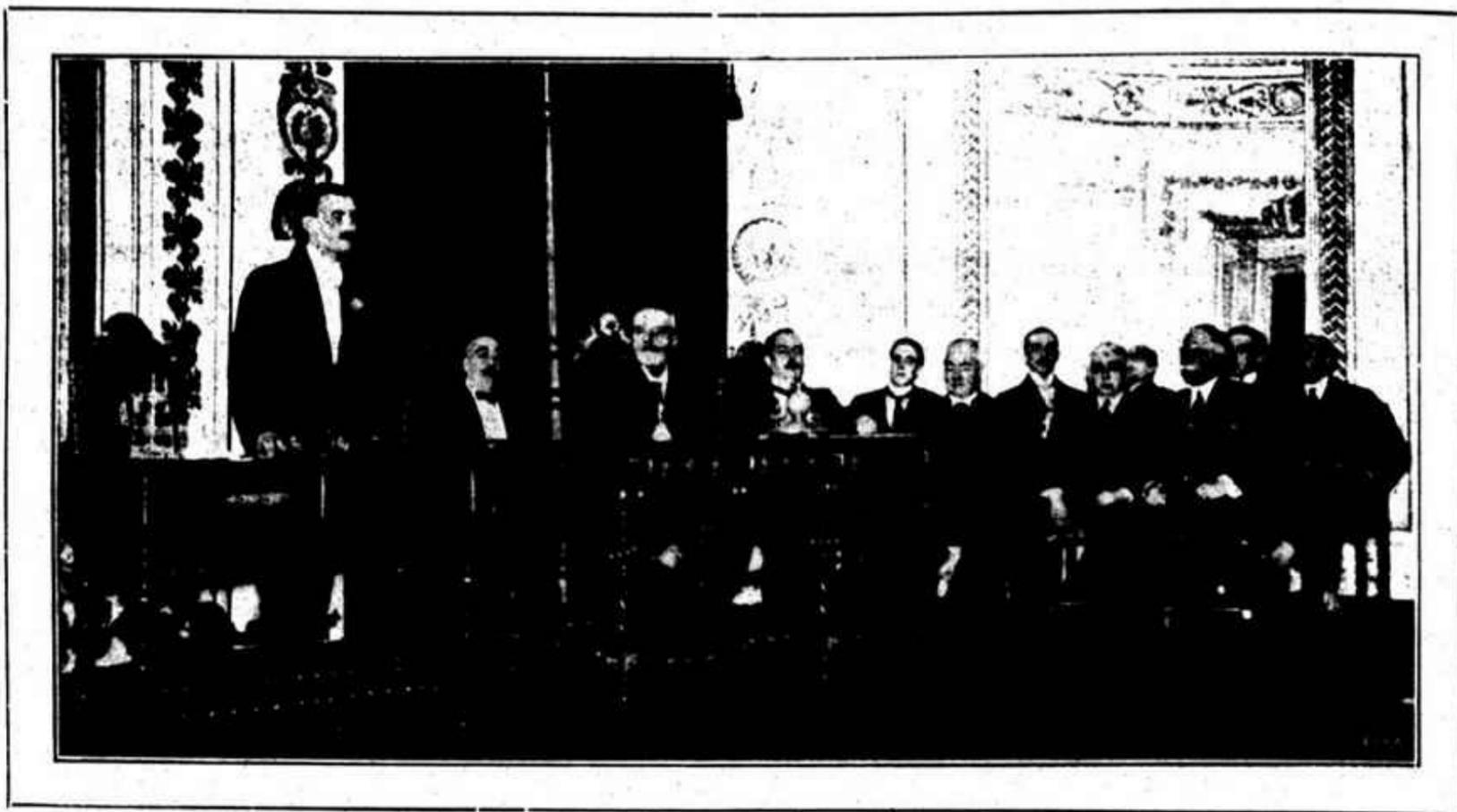
*ostos magros e tristes. Bem se via  
Que devia sofrer horrivelmente:  
A mãe cançada, o filho impaciente,  
E sem terem comido n'esse dia!*

*A multidão passava indiferente,  
Sem atender á suplica docentia  
Daquelle pobre mãe, que só queria  
Matar a fome ao pílulo innocente.*

*Dão-lhe afinal a esmola desejada:  
Uma côlea de pão que a desgraçada  
Entrega ao filho, murmurando: — come...*

*E para si?... pergunta-lhe a criança,  
E a mãe respondeu-lhe a sorrir: — Descansa,  
Porque eu agora já não tenho fome...*

ESPINOLA DE MENDONÇA



O SR. DR. ANTONIO SARDINHA REALISANDO A SUA CONFERENCIA NO SALÃO NOBRE DA LIGA-NAVAL. N'ESSA PRESIDIA PELO SR. CONDE DE BERTANIOS

## PERIGO IBERICO

### O Territorio e a raça

(EXCERTO)

*O nosso amigo, sr. dr. Antonio Sardinha (Antonio de Monforte) realisou, dia 7, no salão nobre da Liga Naval, aonde concorreu parte da sociedade mais distinta da capital, a primeira duma serie de conferencias, promovidas pelo grupo dos Integralistas Lusitanos e subordinadas ao titulo geral — A Questão Iberica. — O illustre homem de letras, tão justamente apreciado como poeta, assim agora orador de encanto, revelou mais uma faceta rutilante do seu talento, dissertando largamente e proficientemente sobre o Perigo Iberico. A assembleia soube aplaudil-o sem reservas. Temos o prazer de apresentar aos nossos leitores um excerto des-a conferencia — talvez a parte mais applaudida da conferencia — que S. Ex.<sup>a</sup>, por especial deferencia, teve a gentileza de nos ceder.*

Vou terminar, meus senhores. O assunto é largo, daria para um curso. O difficil foi pô-lo dentro dos justos limites duma conferencia. Tão pobres, tão desvalidas, que as minhas palavras sejam, elas terão ido direitas ao coração de Vossas Excelencias. A todos pertence um quinhão nas responsabilidades deste duro momento. Fugir a elas o mesmo é que deitar um baraco ao pescoço, que morrer de morte de ignominia! Em minha casa dorme no berço um filhinho de dez mezes. E' essa criança, meus senhores, quem mais que ninguem me ordena que cumpra o meu dever presente. Na deserção de brios e iniciativas que vai á nossa volta, a posterioridade, da qual o meu filhinho é para mim o simbolo palpitante, nos chamará um dia a contas rigorosas. Se pelos nossos desatinos a Patria houver de ir remoçar-se no purgatorio duma invasão, eu não quero que o meu filho, quando o conhecimento lhe chegar, a si mesmo pergunte: — «Mas nesse instante aonde é que estava meu Pai?» Quando outra recompensa eu não recolhesse da minha attitude inquebrantavel de combatente pela verdadeira tradição portugêsa, bastaria a noite de hoje com a presença inolvidavel de Vossas Excelencias para que de futuro os factos dissessem ao meu Filho onde se encontrava o seu Pai.

Encontrava-se aqui, confirmando, quasi tres séculos volvidos, o esquecido

voto das côrtes-geraes de 1008. Eu o repetirei ainda, — ao velho titulo da nossa independencia, tão nobremente provada no conflicto a que os tres-Estados do Reino assim traziam a sentença final. «*Por serem de séculos immemoriaes tão opostos os animos, e tão diversos os intuitos de uma e outra nação, era impossivel unirem-se em tempo algum sem total ruina da Nação portugêsa.*» Guardemos o grito dos procuradores dos concelhos! Seja ele a máxima que ande vincada na nossa memoria! Como moço que sou, consintam-me Vossas Excelencias que eu me dirija aos moços, principalmente. E' a juventude que cabe o encargo religioso de descer a Patria da cruz e de a acordar para a alva única da ressurreição. Em toda a parté é a mocidade quem agita hoje o grande facho de resgate. Elevai as almas, gente nova de Portugal! Nós não vimos ainda os cavaleiros inimigos galopando através dos choupos da courela natal, — como no prefacio célebre de Paul Bourget Mas como o «*jeune-homme*», a quem ele é endereçado, temos sobre os nossos ombros todo o peso dos tempos vindoiros. A Patria será, moços do meu Pais, o que fôr amanhã a soma das vossas energias! Olhai para a França retalhada. São os rapazes do inquerito de Agathon, são «*les jeunes gens d'aujourd'hui*» que se batem pela *riba patrum* ameaçada de hasta pública. A terra e os Mortos os alevantam ás cumeadas supremas do Heroismo. So

de tradição lhes veiu o dom que imprimiu finalidade e sentido unanime ás suas existencias vibrantes.

Façam os rapazes luzitanos o mesmo emprego generoso do seu entusiasmo. Um belo instinto conservador os põe em repulsa perante o leilão tremendo em que a Patria se vende como uma escrava sem nome. Consagradas aos moços francêses, são bem para nós as palavras de Gustave Le Bon no livro, — *La vie des verités*. «A evolução da juventude, escreve o illustre sociologo, é notabilissima. Tendo visto a Patria atravessar horas sombrias e as ruinas materiaes e moraes accumularem-se de dia para dia, compreendendo emfim para que absurdo nos conduziam os negadores e destruidores, a mocidade afasta-se d'eles e solicita outros mestres. Aos metafisicos estereis ela opõe as realidades, a vida, a necessidade de ação. Saida dos livros, a mocidade contempla o mundo. A obscuração dos povos que se extinguem lhes mostra que decadencias irreparaveis se não provocam pela diminuição dos caracteres e pelas quiméricas tentativas de agitação social. Tendo verificado nas nações que dominam o mundo qual seja o papel da disciplina, da energia e da vontade, as gerações novas compreendem já que não pode haver civilização que dure sem resistencia mental e por conseguinte sem a pratica de certas regras universalmente respeitadas. As forças moraes lhes aparecem então como os unicos recursos solidos da vida.»

Assim se exprime um alto preceder da intelligencia contemporanea. Oíçamo-lo nos moços lusiadas, a quem a lição dos acontecimentos já desviou dos perigos romanticos da liberdade de maiuscula faustosa!

O exercicio das forças moraes só a tradição no-lo confere. Escute-se apenas o verbo que edifica. Confessemos um acto de fé no porvir. O homem só é grande quando submete o seu capricho dum momento ao interesse superior da colectividade. Se o velho das historias não plantasse nogueiras para os netos colherem o fructos, os netos não lhe lembrariam a memoria, — a sua passagem terrena, ditada exclusivamente pelo seu egoismo, seria inutil, seria vã.

Elevai as almas! Elevai as almas! O Portugal-Maior espera por nós, para romper as pedras do sepulcro e sentir a gloria do Terceiro-Dia. Cavaleiros da Grey, ajuramentai-vos debaixo da invocação de Nun'Alvares! Nun'Alvares pertence nos, — é o nosso eponimo tutelar, Ele tem uma espada para nos defender na Terra e um rosario para nos guardar do Ceu. Erga-se-lhe uma estatua, faça-se-lhe uma festa! A Festa a Nun'Alvares deve ser a nossa velada de armas. Eu conto convosco, moços portuguezes! Não deixareis ficar por falso o vosso irmão mais velho!

E a Patria ha-de saber o que são tempos melhores! Dorme-se hoje o sono secular do Encoberto. Mas como os grãos de trigo desenterrados em Pompeia floresceram em seara farta, a alma sempre forte do Luso renascerá. Se, porém, o Deus de Afonso em Ourique se não recordar mais das suas Promessas e o fim dos fins se aproxima, nem mesmo assim desanimemos. Portugal é na eternidade Portugal.

O esquecimento não pode nada contra a «pequena casa lusitana». Desfeitos na poalha algida da sepultura, nos proclamaremos ainda a reviviscencia admiravel da grey no sacrificio em que os nossos anos ardentemente se consumirem. E' Castela quem o afirma, — é Calderon de la Barca quem o afiança. Tão fundo o insigne dramaturgo lêra na nossa feitura de povo livre que no *Principe Constante* obrigou o castelhano vernáculo de seiscentos a ceder diante dum verso seu moldado em pura lingua de Camões.

Esse verso, meus senhores, somos todos nós, — é toda a Patria amada que estremecemos. Ele, o verso de maravilha, reconhece as razões invenciveis que sustentam Portugal de pé, por muito que os vendavaes se desencadeiem sobre as nossas cabeças, como outr'ora em cima das casquinhas de noz em que dávamos a volta á Esfera. Ele, o verso formidavel, reconhece o direito sagrado de Portugal a ser senhor dos seus caminhos e manter-se com honra na assembléa das nações. Saiba se de cor o verso vingador, — o verso como o qual outro não ha, bradando tão alto a nossa vitalidade de assombro! A Patria não morrerá, meus senhores! E não morrerá, porque nós somos taes, — lá diz Calderon de la Barca,

«Que, ainda mortos, somos portuguezes.»

ANTONIO SARDINHA  
(ANTONIO DE MONFORTE)

## Folhas soltas

A Sonata «Saudade» de Oscar da Silva

Oscar da Silva, o notavel pianista portuguez, acaba de dar um concerto no *theatro de S. Carlos*, apresentou a sua ultima composição, uma sonata para violino e piano intitulada *Saudade*, inspirada nos versos de Camões:

«Agora a saudade do passado  
Tormento puro, doce e maguado.»

Não me admirou que o illustre compositor escolhesse para fonte de inspiração a *Saudade*: artista em extremo sentimentalista quiz traduzir atravez da sua Arte, esse sublime sentimento que a nossa lingua, unica no mundo, poz na palavra *Saudade*, que é só por si um poema de martyrio!

A *Saudade* nasceu da alma portugueza tão expontaneamente, como o tenue perfume se evaporou das flôres, e o amor do coração humano. Lá disse D. Francisco Manuel de Melo: «*generosa paixão*, a quem somente nós sabemos o nome chamando-lhe *Saudade*».

Do seu poder, a *Saudade* tem attrahido poetas e prosadores que a têm cantado sob as mil formas da phantasia.

Não lhe chamou D. Antonio da Costa, sorriso formado de lagrimas?! Garrett, gosto amargo de infelizes?

Palmeirim, escreveu uma poesia inspirada em *Saudade* em que entre outros versos nos conta:

«Então não sabes de certo  
O que é esta dôr sentida,  
que nos traz sempre de perto  
Uma ventura perdida.»

Os romanticos pensando na *Saudade* portugueza, sentem a força de uma raça que soube sempre palpar, e amar como nenhuma outra.

Como disse ultimamente Teixeira de Pascoaes:

«Oh Saudade, tu és um doloroso laço que quer ligar um corpo á sua antiga forma...»

Faltava um musico portuguez a querer traduzir a *Saudade*; foi Oscar da Silva, o poeta do piano, o artista ideal interprete de Chopin e Schumann.

O ter escolhido o tema de *Saudade* para a sonata é uma consequencia logica do seu temperamento. Oscar da Silva, sendo um arrebatado na serie de vibrações do seu eu, no arrendilhado das notas, nos desenhos das frases, pinta pelos sons, a gama dos seus sentimentos altamente ideaes e apaixonados. Ora onde existe a *paixão*, vive a *saudade*, eis porque procurou nos versos do grande Poeta, a genesis da sua obra. Artista portuguez, compositor inspirado, não artista pelo estudo, mas sim eleito, como dizia Liszt, referindo-se a pianistas notaveis, conseguiu compôr uma sonata que é toda ella um poema de lagrimas de dôr e tristeza!

A sonata *Saudade* é dividida em quatro tempos, havendo em todos elles um equilibrio notabilissimo de harmonias, qual d'ellas a mais arrebatadora!

I *Allegro com duolo*. N'este andamento, atravez dos sons temos a illusão triste que vemos um ente minado pelo desespero da separação. Vemos o sofrimento invadir a sua alma na mais cruel luta; por momentos o violino parece invocar a imagem da *mulher amada*,

respondendo-lhe o piano como um balsamo de consolação. Este andamento é como o inicio da *Saudade*, que está preste a chegar com todo o seu poder!

II — *Andante malinconico*. Eis a *Saudade* que invade todo o seu espirito.

Falta-lhe porem as forças para resistir. Em visões quasi sagradas, que apparecem, no seu espirito, umas apoz outras, vae assim gozando do passado, esquecendo se quasi da realidade da vida. Mas a dôr augmenta, a morte apparece-lhe como um phantasma tetrico. Ah! não! quero viver, viver, gozar! Para quê, soffrer?!

III — *Scherzo*. Nasce naquele ente uma jovialidade enganadora. Quer fazer desaparecer da sua alma a *Saudade*, procura o riso, a graça. As notas saltitam como levadas pela alegria pura, mas o mundo para elle não é mais que a imagem hypocrita da mentira, da lisonja banal! Novamente a sua alma é coberta pelo tenue nevoeiro da saudade. A imagem da *mulher amada* apparece-lhe novamente. Aquele meio para ele é um eterno escarneo ao seu amor. Foge para sempre d'ali, os seus sentimentos repelem aquelle meio de tumulto, de vida facil.

IV — *Quasi presto ed appassionato*. Volta ao seu antigo estado de viva *saudade*. Naquela tremenda lucta de amor, a vida para elle não é mais que um ar do deserto de continua dôr, de illusões desfeitas! A sua paixão corre vertiginosamente para um abismo misterioso. Mas a *mulher amada*, chama-o sempre, sempre! Elle não pode mais, a distancia que o separa d'aquelle *alimento espiritual*, não a pode vencer!

Sucumbe! O Tempo avaliara um dia, quanto a *Saudade* faz nascer em uma alma, uma gama infinita de tormentos! Certo silencio... sómento lagrimas... sempre a *saudade*!

Foi durante a execução da *Sonata* que perante o meu espirito sintetisei esta série de ideias e pensamentos. A memoria de Oscar da Silva possui este raro segredo — de *falar* ao nosso coração, ideaes que se elevam lentamente banhados de intensa luz.

Oscar da Silva ao piano é sempre o pianista sentimental, e não é o *artista acrobata* que espanta o publico ignorante, é o poeta dedilhando phrases cheias de emoção, que faz chorar, que purifica uma Arte!

René Bohet é um violinista extraordinario! Artista de raça, vibrante de sentimento, executou a *sonata* de uma forma trascendente!

Foram momentos de arte que raras vezes se repetem.

ALFREDO PINTO (SACAVEM)

## NOTAS DE ARTE

No «atelier» M.<sup>me</sup> Batalha Reis

A illustre pintora M.<sup>me</sup> Batalha Reis teve a ideia de promover no seu «atelier» uma serie de conferencias de arte, em especial destinadas ás suas queridas discipulas. Assim, soube tornar o seu «atelier» um lugar de reunião, aos sabados, mimado de requintes e elegancias. A primeira conferencia foi realisada pelo sr. dr. Vaz Ferreira que fez um escôrço da evolução da arte pictórica, desde a mais remota antiguidade até á renascença, revelando cuidada erudição e formosas qualidades de orador.



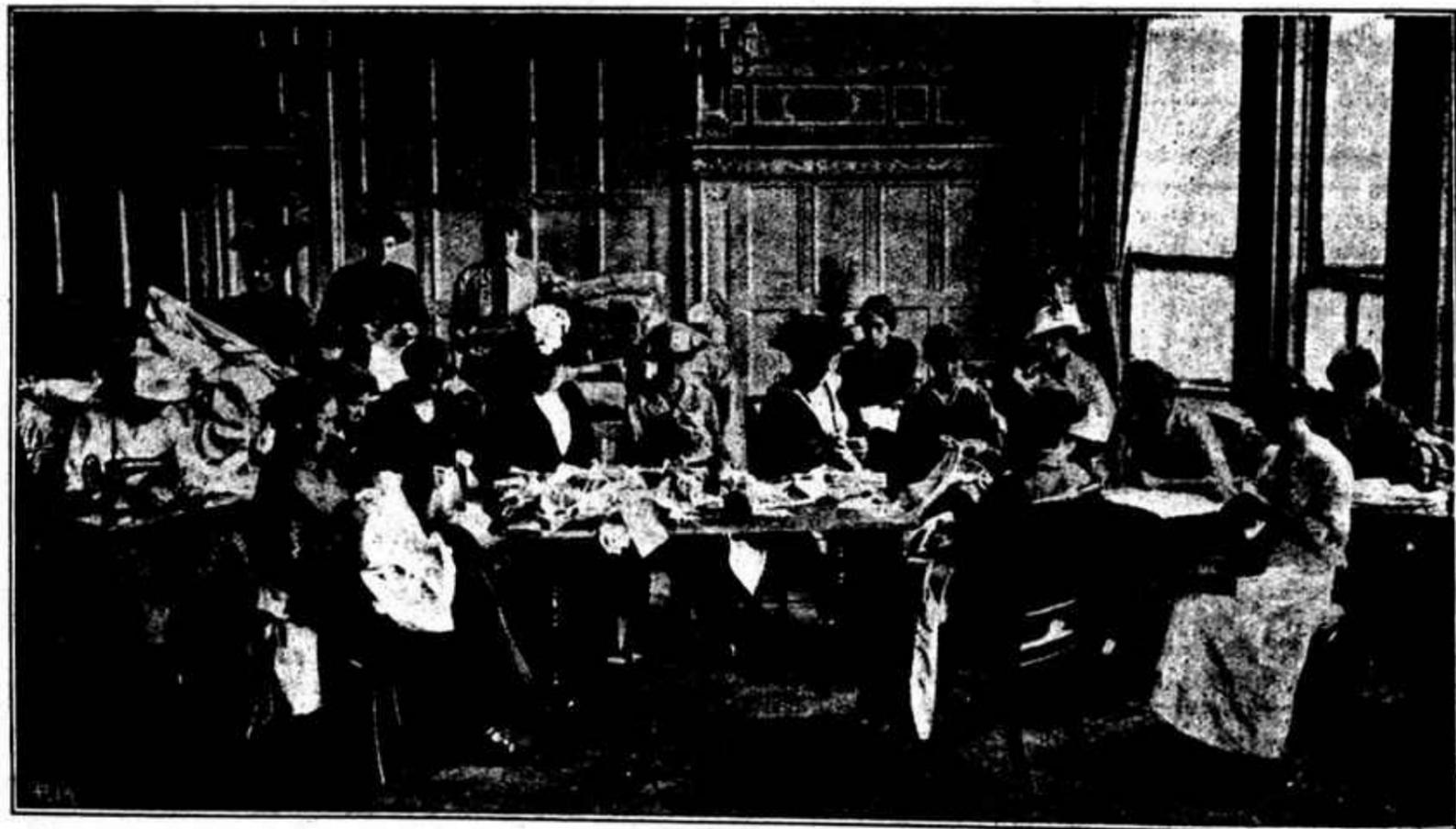
SERVIÇO DOS POMBIOS-CORREIOS NA GRANDE-GUERRA

## PELO MUNDO FÓRA

Os aliados afirmam de dia para dia progressivos avanços, para o que contam com um efectivo muito superior ao do inimigo. Contam-se actualmente nada menos de vinte e um milhões e meio de beligerantes, sendo treze milhões dos

*Chapelle*, em que as tropas britânicas se defrontaram com numerosos e aguerridos adversários, conquistando a victoria depois de terem praticado ataques arrojados, os ingleses soffreram grossas perdas. Entre os mortos contam-se o capitão *Sartorius*, da guarda real inglesa. O nome d'esse official está ligado á historia das nossas campanhas de liberdade,

O almirante *Sartorius* commandou dos Açores para Portugal os 7:500 bravos que desembarcaram no *Mindelo*; não deixou bloquear pelo mar a cidade do Porto durante o cêrco, batendo a esquadra miguelista nas alturas das ilhas espanholas de *Bayona*, que ficam entre o rio *Minho* e *Vigo*. Foram de tal ordem os serviços prestados por *Sartorius* a



SENHORAS PERTENCENTES Á CRUZ VERMELHA, REUNIDAS NUM GRANDE HOTEL DE LONDRES, TRABALHAM AFANOSAMENTE PARA OS QUE ANDAM, LONGE, NA GUERRA...

aliados, e oito milhões e meio dos austro-alemães.

Os francezes, inglezes e belgas ganham terreno entre o *Meuse* e *Moselle*, em *Eparges*, nos bosques de *Ailly*, *Bruzet*, *Le Prête*, de *Mormare*, nas margens do *Yser*, na *Champagne* e em *Hartmannsweillerkopf*.

Na memoravel batalha de *Neuve La*

pois o valoroso militar era filho unico do general *Sartorius*, 2.º conde de *Penha Firme*, e neto do almirante *Sartorius*, que assistiu em *Waterloo* á derrota de *Napoleão I*, e foi escolhido por D. Pedro IV como regente em nome de sua filha a rainha *D. Maria II*, para comandar a pequena esquadra constitucio-

causa liberal portugueza, que a nossa armada o inseriu no numero dos seus almirantes agraciando-o primeiramente com o titulo de *visconde da Piedade*, e depois, com o de *conde da Penha Firme*. Além disso, agraciou-o tambem com as grã-cruzes de *Aviz* e da *Torre e Espada*.

Apesar de ter pedido a demissão, sendo

## EUROPEIA

substituído pelo almirante *Napier*, o glorioso *Sartorius* foi sempre muito afeiçoado ao nosso paiz, o de elle vinha passar alguns meses numa quinta que possuía em Cintra entre o Monserrate e a Penha Verde.

A morte do illustre capitão *Sartorius* é, pois, um acontecimento duplamente doloroso para o nosso paiz em cuja historia refulgem os feitos do seu valoroso ante-passado.

Os russos tambem assignalam sensíveis avanços em toda a extensa linha de batalha desde a *Polonia Oriental*, aos *Carpathos* e *Caucaso*.

No *Caucaso* repetiram os turcos no desfiladeiro de *Klytchghiadiaduk* e avancaram em direção a *Artvina*, ao norte de *Olty*, e passaram a *Tchork*.

De 20 de Março a 3 d'Abril os russos prenderam só na linha de *Baligrod* a *Uszok* 378 officiaes e 33:155 soldados e tomaram 17 peças de artilharia e 101

Em Genova houve ruidosas manifestações germanophobas e austrophobas.

No Egypto o Sultão *Abdim* escapou d'um attentado, ao sahir do palacio. O ex-ministro bulgaro *Ghenadisffé* accusado de promover a explosão de bombas n'um casino, favorecendo manejos austriacos, tendentes a provocar odios contra os servios pretendidos auctores do attentado.

Agentes allemães agitam a *Macedonia* contra a Servia.

No dia 8 do corrente passou o anniversario do rei *Alberto da Belgica*, que recebeu entusiasticas felicitações de todos os paizes amigos, incluindo o nosso Portugal. Os allemães prohibiram que na Belgica houvesse o minimo regosijo publico n'esse dia.

Os aeroplanos francêses bombardeiam Hamburgo, e os austriacos lançam bombas sobre *Autivan* e *Podgoritza*.

Os cruzadores allemães «Prinz Eitel»

A ordem dos cruzadores segundo o valor dos prejuizos que causaram aos aliados é: «*Emden*», «*Karlsruhe*», «*Kronprinz Wilhelm*», «*Eitel Frisdrich*», «*Koenigsberg*», «*Dresden*» e «*Leipzig*».

As ultimas informações dizem-nos que os turcos receberam reforços na Mesopotamia, atacando e bombardeando *Krurn Hawar* e *Skaina*, mas os indolinguês repelliram-nos.

As operações contra os Dardanellos, interrompidas quasi por completo desde o desastre do «*Bouvet*», vão recommençar com grande intensidade. Cento e cinquenta navios russos estão concentrados em *Sebastopol* e transportarão tres corpos do exercito concentrados em *Odessa*, *Sebastopol* e *Nicolajef*.

No fim do mês entrará em acção um novo «*dreadnught*», ao qual se seguirá outro no fim de maio.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA



SOLDADOS DE ALGERIA E TUNISIA COMBATEM VALOROSAMENTE AO LADO DA FRANÇA CONTRA AS HORDAS DO KAISER

metralhadoras. Por seu turno os allemães contam muitas vitorias sobre os russos, aprisionando-os aos milhares e aposando-se-lhes das munições. E' difficil apurar a verdade, em noticias tão desconhecidas e contradictorias.

Não ha porem duvida no avanço russo sobre a Hungria, para onde os allemães enviam reforços consideraveis.

Segundo inquerito a que procedeu um jornal, a extensão das linhas de combate occupada pelos alliados é de 2:668 kilometros, assim divididos: linha franceza 870 km.; inglesa, 50; belga, 28; russa, 1:670; servia e montenegrina, 350.

A Italia e as nações balticas continuam indecisas na sua attitude, dizendo-se que a Rumania está prestes a decidir-se a favor dos alliados. Entre a Austria e a Italia tem continuado activas negociações, auxiliadas pelo Papa, que tambem se tem esforçado para que se entre no caminho da paz. O seu esforço é por emquanto infructifero.

e «*Kronprinz Wilhelm*» são recolhidos em postos americanos, por temerem o ataque dos ingleses.

As perdas totaes causadas pelos dois corsarios estão avaliadas em 6:700.000 libras. Ha ainda a registar a perda do submarino allemão «*Urg*».

Do bloqueio allemão, que todos os dias produz desastrosos effeitos, sem comtudo assumir o character temeroso da ameaça germanica, resultou a perda dum vapor portuguez. Coube a sorte ao lugre «*Douro*», que sahiu de Cardiff para o Porto em 31 de Março ultimo e que pertencia á Parceria Maritima Douro. Empregava-se na pesca do bacalhau. Foi por mero accidente que o navioprehendera a sua ultima viagem, carregando em Vianna do Castello toros de pinheiro que transportou para aquelle porto inglês, d'onde trazia um carregamento de carvão.

Está avaliado em sete milhões de libras o prejuizo que os alliados soffreram pelos cruzadores allemães.

## Pedrarias artificiais

O diamante fabricado — O rubim e a Safira de Antise

Esta tentação desenvolvida no homem e sobretudo na mulher pelas pedras preciosas e que algumas pessoas consideram como um reliquat de inferioridade, justifica-se muito naturalmente, por uma exaltação de sensualismo, provocada pelas qualidades reconhecidas, umas da propria natureza dessas pedras, outras adquiridas em dificeis e delicados labores, que enaltecem o brilho e o valor desses pequenos objectos, os transmutam em joias ou fazem deles cousas de grande estimação e alto preço.

A côr, a luz, a dureza, a raridade, o facetado regular, a difficuldade da sua obtenção, muitas vezes atravez de perigos e trabalhos, são outros tantos motivos poderosos da procura e do apreço das pedras preciosas.

Não podem deixar por isso de ser consideradas como valor economico, como productos sujeitos á lei da oferta e da procura e quantas vezes se veem os mercados oscilantes, por motivos que imprevisivelmente influem sobre o negocio delicado e curioso das pedrarias.

Aqui temos, por exemplo, a produção artificial do rubim, fazendo baixar o preço desta gema, desde que ao commercio se oferecem, com todas as

garantias de seriedade, numerosas pedras rútilas as quais, em vez de extraídas das minas orientais que outr'ora as abandonaram, em quantidades variáveis, á cubiça dos negociantes e dos argentarios, são fabricados por engenhosos processos, em oficinas adrede preparadas, dando a essas pedras a composição, as qualidades óticas que distinguem e tornam apetecidas as pequeninas cristalizações cor de sangue, que tanto servem a compor eixos, na fina arte da relojoaria, como de adorno preferido, nas composições artificiosas dos ourives e joalheiros.

Continua portanto a ser tão vehemente o desejo de possuir estas e outras gemas, que leva o homem, a despeito de perigos, trabalhos insanos e despesas fabulosas, a pôr em pratica, atravez de dificuldades e obstaculos quase invencíveis, imaginosos modos de reproduzir esses admiráveis produtos naturais, que exercem sobre a nossa vista a indizível fascinação das joias, por virtude da qual se chegam a cometer hediondos e românticos crimes, assaltos e roubos audaciosos, que enchem os anais da criminologia e os noticiarios dos jornais.

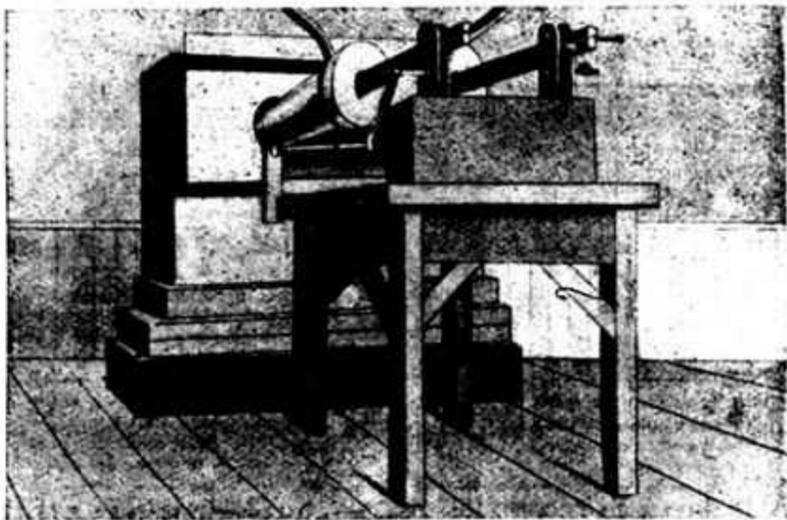
Quantas historias e quantas curiosas aventuras á volta de algumas dessas pequeninas preciosidades, que se resumem num solido de forma geometrica perfeitamente regular, translucido e de inimitável colorido e intenso brilho!...

Todos os diamantes celebres que possuem nomes... de guerra, o *Orlow*, o *Sancy*, o *Ko-hi-noor*, cujo nome significa *Montanha da luz*, e muitos outros distintos membros da mesma familia resplandecente, têm uma historia ou uma lenda, a envolver em uma nebulosidade misteriosa a sua origem.

Este ultimo, a dar credito ao que diz a lenda, seria o mais antigo, pois era já insignia real 3000 anos antes de Christo! Alguns deles valem quantias inimagináveis.

Referir-nos-emos de passagem a algumas mais afamados. O *Sancy*, de aventureira historia e que dizem ter pertencido a D. Antonio, prior do Crato, pelo qual teria sido negociado com Sancy, tesoureiro do rei de França, vale um milhão de francos, o que parece exagerado.

Não assim o famoso *Ko-hi-noor*, cujo valor é



FORNO ELECTRICO DE 4 ELECTRODOS PARA A SINTESE DO DIAMANTE

computado em 3 milhões e meio, sem optimismo e o *Orlow*, o melhor diamante da coroa moscovita, o qual foi avaliado em 2.250.000 fr.

Entre os diamantes notáveis pertencentes ao Brasil menciona-se a piramide que forma o castão da bengala de D. João VI, e a que deram o valor de 872.000 fr. e os 20 botões da casaca da cerimonia de D. José I, cada um formado por um só diamante, conjunto cujo valor é de 2.500.000 fr.

Muitas outras pedras de somenos valia, em relação a estas, são contudo de uma riqueza enorme, se as compararmos com as notabilidades da joalheria moderna, acessíveis facilmente ao recheio de certas boças privilegiadas da fortuna.

Essa desculpavel cubiça acha-se em parte satisfeita com os resultados felizes das tentativas de industrialização das mais atraentes e desejadas pedras preciosas, já hoje denominadas — sintéticas.

Ao cabo de porfiados trabalhos tornou-se possível a síntese, que obriga a cristalizar o carbono, em condições excepcionais e conduz á fabrica-

ção do diamante. Esta é uma das façanhas de laboratorio, que um grupo de experimentadores engenhosos e pertinazes cometeram, utilizando para esse fim diversos aparelhos, nos quais se opera a gloriosa transmutação, á custa de um considerável dispendio de energia, combinando habilmente o efeito das altas temperaturas e de enormes pressões.

A tentativa de reprodução do diamante data de muitos anos; nela sossobrou o poder inventivo e o esforço perseverante de varias celebidades da quimica, como Despretz, Cagniard de Latour, Thenard e Dumas, os quais fizeram nesse sentido memoráveis experiencias.

Não dispunham porem mais do que singelos recursos, mal adivinhando as forças de que o inventor actualmente pode dispor, para captar á Natureza alguns dos seus maravilhosos processos.

Dispositivos muito modernos permitam o emprego de correntes electricas, de uma grande intensidade, as quais permitem operar a transmutação que noutras condições se não daria.

A experiencia de Lavoisier, em 1772, queimando o diamante no oxigenio, foi o ponto de partida para essa ideia de síntese, revelando a essencia desse corpo.

Por esse facto reconheceu-se que a ofuscante pedra se reduzia afinal a um pedaço de carvão. No intimo nenhuma diferença existe entre a preciosa gema e o fragmento de hulha ou de grafite extraído da terra. É uma questão de arranjo molecular.

Descoberta esta identidade, o caminho para a síntese afigurou-se facil. Tudo estava em fazer passar o carvão, numa das multiplas formas em que elle se encontra tão profusamente espalhado, ao estado cristalino, que lhe confere as propriedades opticas, de que depende a sua beleza e o seu encanto e que o tornam tão procurado.

Mas como conseguir para o carbono a liquefação que, de ordinario, precede o estado cristalino, em grande numero de substancias? Nenhum quimico, mesmo dispondo de meios energicos o alcançou ainda.

Moissan, entre outros, pensou que ele deveria encontrar-se nesse estado, de preferencia nalguma ignorada combinação. Certos metais, particular-

mente o ferro, são capazes de dissolver, pela intervenção do calor, quantidades consideráveis de carbono, formando, por exemplo, o carboneto de ferro, quantidades tanto maiores quanto mais elevada for a temperatura. Pelo resfriamento, o metal cede o excesso de carbono dissolvido, por meio de um artificio, restituindo-o em cristais minusculos. É assim que em certas qualidades de aço se encontram miúdas particulas diamantinas, devidas a um fenómeno de compressão, que foi estudado pelo mesmo sabio francês, numa experiencia impressionante, na qual a massa de ferro fundido, saturada de carbono, encerrada num cadinho de aço é resfriada subitamente, determinando deste modo uma pressão considerável, que promove a formação de pequeninos diamantes, no seu interior.

Estes processos porem apenas deram como resultado cristais excessivamente pequenos, de dimensões microscopicas, de fraquissimo valor comercial. Hoje a ciencia e a tecnica de laboratorio, constituindo uma verdadeira magia, tendo á sua disposição, uma energia, de que dependem tantas e tão maravilhosas transformações permitem a fabricação de diamantes perfeitamente visíveis, susceptíveis de clivagem e de lapidagem, de

um volume 400 ou 500 vezes maior que o dos obtidos d'antes por Moissan.

Para esse efeito a experiencia dispõe-se como para obter a decomposição electrolytica de um banho de metal fundido e carbonado, dispensando porem a pressão e empregando uma corrente electrica de grande amperagem (800 a 1200 ampères), sob uma tensão de 20 a 32 volts. Esta operação executada sobre o carboneto de calcio, cuja fusão se produz a 2700°, decompõe este, vindo o calcio para o polo negativo, enquanto o carbono liberto cristaliza no positivo, sob a forma conhecida do diamante.

Deste modo a grandeza dos cristais depende do tempo que dura a experiencia.

As gravuras mostram o modelo do forno electrico usado na fabricação do diamante e um certo numero de pedras obtidas em 12 horas de experiencia (ampliação de 10 diametros).

O rubim oriental é ainda uma das pedrarias



DIAMANTES OBTILOS EM 9 HORAS DE TRATAMENTO NO FORNO ELECTRICO

mais procuradas. Donde a justificação da tentativa, hoje convertida em tarefa industrial, de fabricar esta preciosidade decorativa. A sua cor é o vermelho puro, sem mistura nem de violeta, nem de alaranjado. A sua dureza é considerável e os seus cristais são de uma transparencia e d'uma beleza de linhas, bastante atraentes.

Esta é a pedra conhecida dos antigos sob o nome de *carbunculo*. Atribuiam-lhe a propriedade de brilhar na escuridade, com uma luz penetrante, especie do poder radio-activo, como modernamente se dizia. Exagero talvez, mas fundado nas brilhantes qualidades do rubim oriental. A sua forma geometrica é a de prisma hexagonal truncado.

A sua composição é simples de dizer: Alumina pura corada de vermelho ou de rosa. A espinela, como o rubim de fabricação sendo tambem constituídos de alumina, devem a sua bela cor á presença do oxido de carbono.

Para introduzir este na massa d'aquella uma cousa é necessaria e difficil de obter: uma elevada temperatura. Porem a descoberta do maçarico oxidico permite vencer essa enorme dificuldade, que excede os meios usuais de aquecimento nos laboratorios.

Para alcançar a perfeição industrial, que actualmente garante o acabamento da pedra preciosa industrial ou sintética, numerosas tentativas foram praticadas, que datam de mais de 70 anos.

Foi porém em 1904 que Verneuil, professor no Museu de Paris, encontrou com rara felicidade o meio de produzir o rubim de síntese, em boas condições para se industrializar.

Desta forma o rubim obtém-se pela fusão do alumen amoniacal com o alumen de cromio, numa chama oxidica, mediante artificios e precauções especiais, que tornam a operação muito delicada, para alcançar gemas suficientemente grandes e sem defeito.

Hoje podem assim fabricar-se 40 ou 50 kilos de rubim, por dia, com a mesma composição, as mesmas propriedades, as mesmas qualidades e senões das pedras verdadeiras, mas consideravelmente mais baratas.

Não se pode dizer o mesmo da safira sintética, a qual não apresenta a beleza e as propriedades da natural, apesar de perfeitamente identica a esta, pelo processo de Verneuil.

A pureza dos materiais continua, ainda neste campo, a ser a suprema garantia das preciosidades que mais se prezam. O minimo corpo estranho afecta logo a coloração tipica da pedra e prejudica-lhe o seu valor.

A solução do problema que tanto tem apaixonado os quimicos que debalde a procuraram nos seus laboratorios e por tanto tempo está achada

em resultado da tenacidade de esforços bem orientados pelos modernos principios e sobretudo pela conjugação de fortes energias e de uma tecnica mais completa.

A reconstituição das poucas gemas obtidas deste modo, é sem duvida uma das mais admiráveis e produtivas conquistas da sciencia, de que a arte, a industria, o commercio, a economia podem tirar um belo partido.

J. BETHENCOURT FERREIRA



## O pulso artistico

Em que se fala de coisas presentes. Em que se diz de coisas futuras. Onde se vê e onde se sente. Mentiras acasos transformadas em verdades. Ou vice-versa. Symbolos, dogmas, e a exposição dos artistas. Etc.

Quando menos o esperava e até mesmo no momento psicologico em que minimamente me poderia dar para pensar das pequeninas coisas de Portugal — o que ao pretor não vale a pena, — quedou-se-me nas mãos o convite de expôr no *Salão da Sociedade Nacional*, este anno, brevemente, as minhas bellas artes. Tão longe, por tão longe deambulava eu, que o estarcimento da novidade que mergulhou os pés á terra patria, teve em mim o desvairamento de desperto no fragor de petardo a explodir.

Eu, que nunca fiz um assobio de barro em que, por sympathia da criação do meu multiavô Adão, sentiria tentação de no meu deserto formar uma escultura paladora, estridula, como desgraçadamente o não era o Moisés do feio Miguel Angelo, ou o masculino Milton de Pudget; eu que nunca desenhiei de boa mente um cavallinho mosca, parado como um beneditino que sonha nova formula de licór, que não me sahisse um bacorinho a fossar; — que só construí até hoje palacios de pedras de dominó, castellos no ar, e *casas das machinas*, de madeira, para o meu cão; — que caricaturas só as faço por mercê da luz que me atrai os perfis encarcovoados para as paredes: — havia então de expôr! E dizia-se-me num ultimatum de abaixar a grimpá: inangurar-se-ha no dia 16 de Maio. Como quem diz: veja lá, ou vá e expõe, ou... sei lá qual era a minha alternativa.

Assim voltei ás coisas de Portugal, arrasado num carreto. Lá tão longe, nos confins dos bastidores da tragedia immensa em que vivemos comparsas, e a que nos prendem dia a dia esses guardanapos de papel onde as noticias se penduram a tinta grossa, como os selos de hora nos pergaminhos velhos, — eu vivia quando vim; mas tudo a surpresa me levou no rol do esquecido, até mesmo o que não vi. Que me lembre? Só isto: á quem, nas florestas da Argonne, faunos de olho esgazeados, o elias de cartucho tapadas por *képis* e capacetes; além, nos Carpathos, panurgias carneiradas de vellocino de neve, que se escornam; abaixo, nos Dardanellos, as Porcas, papo-farto, mundo na barriga, dissolvem avaramente, nas aguas comprimidas, as victimas de que fazem *foie gras*. E por cima as Valkyrias, coitadas, esguas de cansaço, nas eguas de raça, de Wotan, cansadas, erguem com entusiasmo soberbo os heroes que caem, *Stegfrieds* que o escudo amortalha.

No meio desta nostalgia vaga, liquida, de somno mal acabado, de visões mal desfeitas, acabrunhou-me o acordar.

Falar de arte em tempo de guerra é uma heresia por um lado, é talvez um absurdo por outros; ainda mais nesta guerra em que a tactica e a estrategia nada podem respeitar. Na guerra como na guerra, diz a bocca militar do povo germanico, sempre logico. E derrasem-se terras desse chão que deu muita maravilha artistica, e é hoje o pobre bode expiatorio do pugilato dos grandes exercitos; esvaem-se cathedras, pulverizam-se vidraes que se não reconstituem, esfarellam-se como bonecos os grandes palacios municipaes, bolsas, bibliothecas, verdadeiras rendas de pedra, que o milagre artistico pôs de pé. Se a arte é pacifica! Se ella é como proclamam os homens de todo tempo — a missão benefica da paz — a prenda, a missão da paz! Quando as espadas tinem, não cantam as Musas, disse um Allemão, (*Wenn die Waffen Klirren schweigen die Musen*. Von Geissler, de Dresden). Como hão de resistir a Marte!

Fôra do clangor dos odios felinos, — e como

poderia não os haver? — longe do fragor das armas a que um convite que eu maldigo, e oxalá morra de velho quem no assignou, veio arrancar-me, eu pus-me afinal a pensar no que seria a proxima exposição da *Sociedade Nacional de Bellas Artes*.

A do anno passado, com aquelles cartazes de *Music-Hall* com tombola, foi como toda a gente deve lembrar, creio eu, um fiasco, que nem o riso do catalogo comico fez esquecer. Os justos, os bemaventurados, que se notavam — seis, se tanto, — são os que ficaram e veremos este anno, como então mostrando que pavorosas distancias guardam esses acima dos outros que não guardam coisa alguma.

Tinha muito prazer se esta exposição de Maio viesse convencer-me daquillo que parecerá, pelo credito, uma grande verdade, mas que, no entanto, para mim é um dogma que não me faz crer nem morrer. É uma dessas verdades tão repetidas, tão bufadas na charanga de todas as Famas musicueiras, que por certo já entrou na caderneta de memorias dos burguezes apalaçados, nossos illustres compatriotas. Os eccos das esquinas, as rotativas em que Guttemberg foi machinado, umas e outras não tendo pés nem cabeça, forçaram os ouvidos e entraram-nos na miolêira. Creio ter sido com o advento do regime, que felizmente nos rege, que se annunciou ter entrado a barra um momento historico e sei lá se geographico, em que sob a mitra phrygia se desencadeava, como um Niágara, um resurgimento integral: philosophico, litterario, scientifico, artistico, etc e tudo o mais que de costume desde os *Acta diurna* até o *Orfeu* se sotopôs nos olhos, cegos até, do titulo da coisa. Isto é, a novidade veio da polvora da multidão parar á carteira dos crentes.

Qual a ideia, quaes as coisas que costumam vir em cauda após a ideia, por pensamentos, por palavras, por obras, que muito peccado nos dão, não o sei, — e quem o sabe? — *Ninguem*.

Nem D. Sebastião, que na *Historia de Portugal* só teve um irmão de desgraça, D. Pedro V, voltou; nem Camões renasceu para as mãos do pianista Vianna da Motta (he acompanharem a lyra épica dos neo-desconhecidos. Luis de Camões humano, que venha acocorar-nos na sala do theatro de Pina Manique). Nem este theatro é porém passado á fauna aligera da phenix nem os tres senhores renasceram, creio eu.

Sceptico sou, septico serei, até ver *Surge et ambula!*

Este movimento colectivo, espontaneo, de uma suave musica de camara, não veio infelizmente até agora. E se de Renascença, que quando renascer em portuguez acaso se chamará Renascimento, não haverá pelo visto de esperar, por enquanto, vamos para vêr, fi r-nos na Virgem, á conta de bons patriotas; já que nem por sombras nos desobrigamos definitivamente de crêr um dia alameda na verdade do momento historico.

Nas exposições, onde não expunho, posso ver com todos os sentidos, e buscar todas as emoções. E, como choreographo, que sopesa o pé bem cincto das suas dançarinas, para lançar a linha e a

voluta das sinrosas, das mais sinuosas danças, menos musicas que plasticas, dynamizadas até o limite do equilibrio humano, — ca vou pulsando modestamente, calado como um rato, as rosas de todos os erros ahi nas exposições. Confesso que de animo solto e ousado entro nessas salas, a que me leva um prestigio devoto, e, como beata de breviario abarcado pelo terço de contas negras, lá entro nellas esperançado. Mas quasi sempre, pois quasi nunca me contento, o esforço da minha fé cae muito em vão, e o esforço que encontro é mais de produzir que de — fazer, de bemfazer.

Num artista não se bate nem com um pincel, ou coisa que o valha, longe vá de mim o agouro de mal fazer pelo melhor pensar que tenha; mas que havemos de fazer os que hora a hora vamos á busca do Renascimento que não chega; — dos grandes artistas que por mal dos peccados nacionaes se reduzem ao maximo singular que é em taboado o minimo de contar; — dos *petits maitres*, — isto é serio e não á maneira flamenga, — que se promettem, e sendo os de futuro, são os que num assustador pequeno numero se denotam no presente? Que havemos de dizer nós, os que sem esperanças dos renascidos, queremos vêr, nos que só nasceram uma vez e não tencionarão repetir o desastre, homens de cunho, artistas de boa marca (já que destes se trata, e são os que expõem o que eu não faço), de valor absoluto, seu, muito seu, sem dever nem haver; — e, entre o reclamo doirado, vamos topar com poses feitas, chás de marquezas, flores descóradas, Pires e Sousas, pindericos, assustador de quasi misterio etc? Exposições em que o mais clemente julga estar em, qualquer club de provincia com recheio de exposição de artes reg onaes, as femininas das *Modas & Bordados*, á compita! E os concursos de projectos, que pena!

Não direi por mim — e isto sem patriotismos que nestas coisas apatrioticas só poem o signal de escaracho damnhinho, — que se fechem as Escolas de Bellas Artes. E iria muito bem acompanhado, pois que o terrivel Barbaro, Conde Haczynski, embaixador da Prussia em Lisboa, se renascesse e voltasse a vêr quanto ganhou com os seus livros de arte, repetiria a sentença.

Comminatorio Nem tenho facciosismos de discipulo, que nem fui, nem vi de perto as lunetas do homem que em boa analyse estou certo de ser o unico pintor ho lierno em Portugal, e esse por si justifica em seus discipulos a porta aberta da Escola que ensina; nem tampouco posso dar-me por proselyto, ou que seja, de esse homem quando creio que se pinta muito bem no seu criterio artistico, realmente admiravel, tambem se poderia, elle proprio até, noutro criterio d fferente, pintar igualmente muito bem.

Eu sei; a epoca vae principiar. Pois sim, provein-nos bellezas, os que cantam e os que pintam as phenix renescidas e mais aves do paraizo; e eu á frente de toda a legião dos scepticos, render-me-hei á verdade positiva dos factos e das palavras desses missionarios do Renascimento. Mas ou se consegue um estagio nacional que sobreleve tudo o que se fez e nos vem de Camillo a Eça, Fialho e Kamalho, o que era sem tempo nem logar a sociedade esplendida de Anthero, o *Sublime*, do Silva Porto e Soares dos Reis, de Antonio Nobre Cesario, Crespo, a um lado, Gomes Leal, Junqueiro, do outro, João de Deus ao meio, esse tempo de actores e actrizes, theatros e dramaturgos, empresarios e epocas theatraes e pannos de bocca; de caricaturistas de gravadores, de revistas, de ceramistas, de São Carlos, do Farrobo, e até de um Principe protector das artes; — ou se chega a isso e damos *hurrahs!* nas vergas dos nossos botes; — o o egualam, e então já ficamos contentes, in mesmo sem as estatuas dos mestres; — ou se não chega lá, e nem mestre Gil diz a gargalhuda farça. *Quem tem farellos?* nos «serões dramaticos, onde explodiu a sua musa» como disse Sousa Viterbo, nem esse mesmo ou outro por elle faz a custodia monumental para os futuros Jeronymos que Deus traga.

Peçamos uns Medicis á escola de Gaia, o *Magnifico* seja da mão de Teixeira Lopes, arranjemos alvará para *habitar* em Portugal a um Leão X, e venham exposições concursos, etc.

Até lá, P. N. A. M. A não ser que acredite, cansado de me lembrar de que não acredito, e me empurre a Inercia. Ou como Gil Blas me envergonhe e arreceeie, cá commigo, de dizer as verdades a S. R.<sup>ma</sup> o Arcebispo de Granada. E razão tinha elle!

Lx.º 6-4-915.

LUIZ CHAVES



MONUMENTO A RAINHA VICTORIA

Na linda estancia de Nice celebrou-se, dia 13 do corrente, o anniversario da erecção do monumento á Rainha Victoria de Inglaterra. A cerimonia official assistiu o duque de Teck.

## ROMANCE

M Delyne

## A DESTERRADA

Versão de Alfredo Pinto (Sacavem)

(Continuado do numero antecedente)

Na vespera da partida Myrto apezar do mau tempo e do frio foi até á casa de Buhocz para dizer adeus a Miklas. Ella ia muitas vezes visita-lo, o que era sempre um contentamento para o rapaz. Quando este soube que partia, foi um diluvio de lagrimas.

— Como irei ficar agora! Se pudesse arranjar um lugar no palacio?

Como poderia Myrto arranjar um lugar no palacio?

Como poderia Myrto arranjar um lugar, se raras vezes via agora o principe? Apenas poderia pedir ao padre Joaldy, talvez este pudesse arranjar alguma coisa.

Quando Myrto se despediu do rapaz levava o coração bem apertado de tristeza. O ceu encoberto estava triste como a sua alma.

Myrto tinha mais vontade de chorar, despedia-se d'aquelles sitios com immensa saudade.

Ella subia lentamente os degraus da escada quando viu o principe no pátio a analysar uma das tapessarias antigas das paredes. Perto d'elle um homem vestido de preto fallava em voz baixa.

— Bom dia Myrto, disse Milcza, estou aqui a tratar da restauração d'este tapete. Fallando olhava para Myrto, com aspecto risonho e voltando-se para o homem disse:

— Depois lhe direi as minhas tenções. O homem retirou-se.

O principe deu alguns passos na escada, depois parando de repente disse:

— Porque chorou, Myrto?!

Ella inclinou um pouco a cabeça respondendo:

— Julgo que será um pouco por causa do tempo e tambem saudades de deixar Voraczy.

— Vejo que estes sitios são bonitos para o seu gosto pelo campo.

— Immenso, e ha tanta gente por onde se possa espalhar o bem.

O principe voltou a cabeça, e Myrto não pòde ver a tristeza do seu olhar.

— A proposito, meu primo, tenho uma coisa a pedir-lhe...

— O que é?

— Trata-se de Miklas. Depois que voltou para casa é muito maltratado, passa a vida a chorar, não poderia dar-lhe no palacio um lugar qualquer?

— Decerto, pôde crer que não será esquecido por mim.

— Muito lhe agradeço. Vejo que tem bom coração.

— Eu?! Proximo d'um coração christão, posso sê-lo. Mas eu já não me posso tornar bom.

— Não diga isso, não vê como disse logo que seria bom para Miklas.

— E' a prima que é boa, é a sua caridade que me faz praticar bons actos... que Myrto receba sempre os louvores do ceu; rese por mim.

Afastou-se bruscamente, deixando Myrto sosinha sem dizer palavra.

Ella não o vira antes da partida. Nes-

sa noite elle disse adeus á mãe e ás irmãs e só appareceu no dia seguinte depois de se terem retirado.

Da carruagem que a levava á estação, Myrto parece ver agora melhor aquella magnifica residencia, rodeada de bellos jardins e mattas. Uma tristesa apossou-se de Myrto, e em toda a viagem o seu rosto traduzia o drama que a sua alma soffria.

— Meu Deus, dae-me paciencia e coragem para soffrer.

Era este o seu constante pensamento.

## XII

O vasto salão estava illuminado por uma luz semi apagada com que os moveis severos appareciam frouxamente. Junto do fogão, Rosa, trabalhava em um tapete, ao passo que Myrto lia, ou fazia esforço para ler.

Estamos na vespera do Natal. Myrto fazia passar pela sua mente os meses passados e certos pequenos desgostos que ultimamente lhe tinham vindo perturbar a alma. Irene agora ainda estava mais ciumenta! Por um caso bem simples: um dia Myrto vindo de uma cerimonia na cathedral encontrou-se com um grupo elegante que sahia da sala da condessa. Esta perante a surpresa dos seus hospedes apresentou-lhes Myrto. Havia no grupo um official chamado Gisza. Ouvindo a condessa Zolanyi dizer: «Elyanni filha da minha prima Hedwiges Gisza» elle exclamou:

— Então somos primos, minha senhora! Que enorme prazer que tenho.

Quando Myrto se afastou, todos lhe fizeram os maiores elogios á sua beleza e elegancia. O conde Mathias Gisza não se mostrara menos entusiasmado e Irene ficou bastante zangada pela admiração que o primo revelára.

Terka até aquella data tão amavel para Myrto, tambem agora já não tinha os velhos carinhos de então. O motivo era que Mitzi estava sempre com a prima.

Todavia certas compensações estavam guardadas para Myrto, que tinha uma vida separada de todos e de tudo, uma existencia de *desterrada*, no meio d'aquella familia.

Renato gostava muito de Myrto, esta tinha sobre elle uma grande influencia. Tambem conquistára as sympathias de Rosa, apertando-se com esta no estudo da lingua allemã.

Ha quatro dias que a familia Zolanyi estava em Budapesth, como era costume para as festas do Natal. Estavam n'um palacio que o principe Milcza possuia e que emprestava, como as casas de Paris e Vienna. N'essa manhã a condessa e as filhas tinham partido afim de passarem a vespera e o dia de Natal no castello de Sezly distante alguns kilometros.

Não pensaram em levar Myrto ainda que os donos do castello fossem seus parentes. Myrto ficára sósinha com Rosa no grande palacio.

O seu pensamento porém ia para Voraczy. O que seria para «elle» esta festa tão dôce tão consoladora para corações crentes? A sua alma estaria revolta!

As noticias de Voraczy eram muito raras. A condessa escrevia para o principe, mas este respondia apenas em curtos bilhetes. Foi por uma carta de

Katalia a Thylda sua sobrinha e afilhada que ás Zolanyi e Myrto souberam das visitas frequentes do padre Joaldy, os seus passeios pelos dominios do principe afim de melhorar a sorte dos que n'elles viviam. Tudo isto mostrava a Myrto que Milcza já se interessava pelo proximo, não era tão egoista; estaria quasi salvo?

Miklas segundo, a sua promessa, escrevera a Myrto, dizendo-lhe que o principe o tomara para seu serviço particular e que estava agora muito contente. O seu patrão era agora muito bom para elle e não lhe mostrava o mau genio de antigamente.

«Agradeço-lhe de todo o meu coração, dizia o pequeno, reso todos os dias para que o bom Deus a faça feliz.»

Triste estava o principe principalmente n'aquelles dias de festa, longe da sua familia. As saudades de Karaly ainda o minavam mais.

Myrto prestou mais attenção A porta que dava communicação para a sala proxima estava aberta e ouviram passos e vozes.

— Rosa, ouça, parece a voz do principe Milcza!

A pobre mulher enlevada no seu agradavel sonho, saltou na cadeira e poz-se a escutar.

— Não me parece!

Myrto levantou-se, atravessou a sala proxima e abriu a porta.

Sim era o principe, que, de phisionomia zangada, ouvia as desculpas de um creado; mas o seu rosto mudou logo, quando deparou com Myrto.

Ou menos, tenho o prazer de a encontrar! Macri, acaba de me dizer que minha mãe e minhas irmãs não se encontram no palacio e ia perguntar se Myrto as tinha acompanhado. Mas vejo que não...

— Que surpresa! disse Myrto fora de si. Já pensára quanto estes dias são tristes para quem vive longe dos seus.

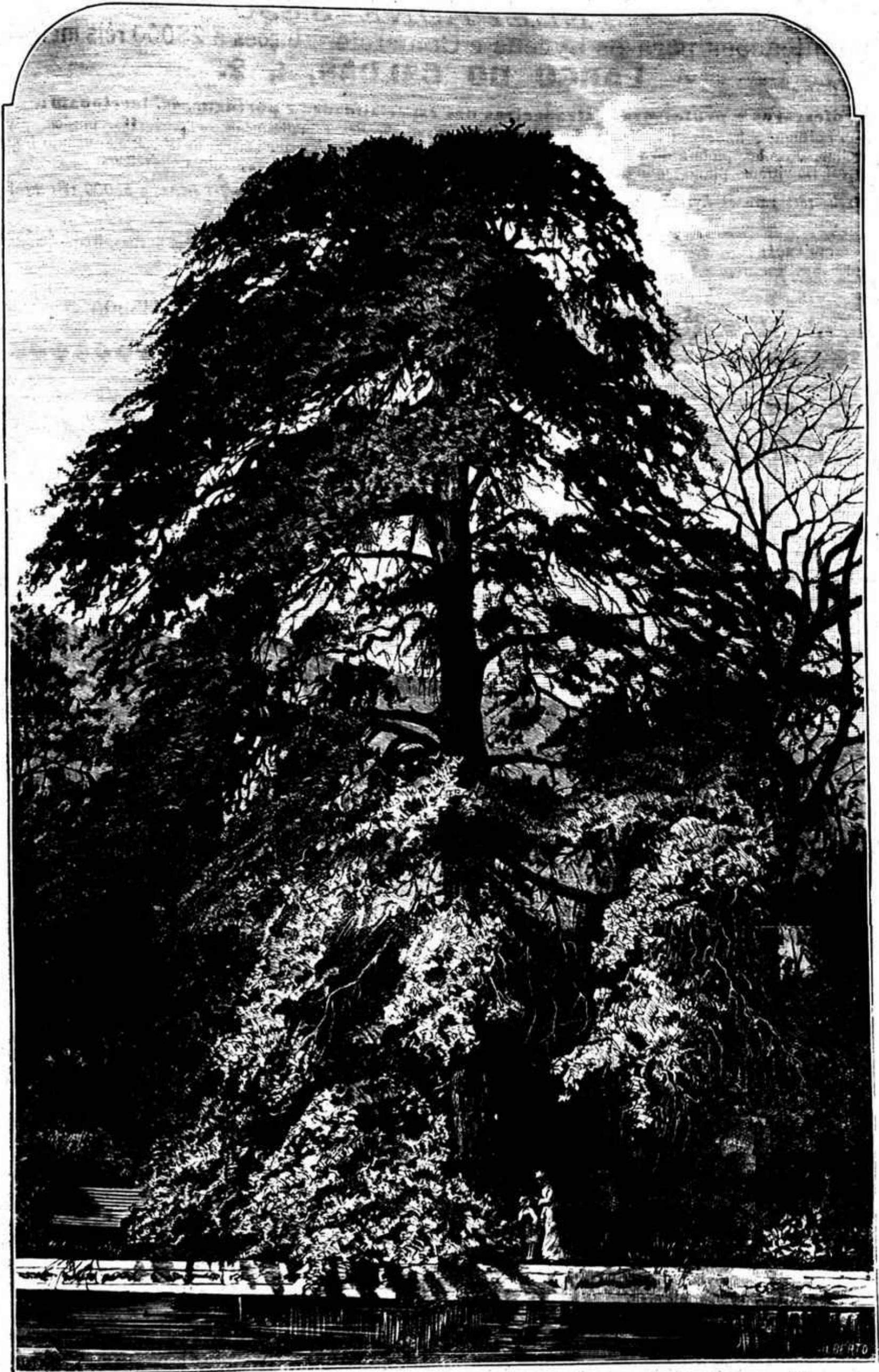
(Continúa)

## PUBLICAÇÕES

Continuamos a receber muito regularmente a *Revista da Universidade de Coimbra* interessantissima por todos os aspectos que nela queiramos encarar, colaborada pelos mais abalizados professores das nossas escolas de Ensino Superior. Serve-nos excelentemente de ponto-de-referencia, se algum dia pretendemos avaliar do estado mental de Portugal. O escol da intellectualidade portugueza ali está eminentemente representada. Todos os que souberam orientar a curiosidade num sentido superior—têm nesta Revista a melhor fonte de consulta.

Temos presente o n.º 4 do vol. III da *Revista da Universidade de Coimbra*. Do seu valor diz assaz o seu sumario que passamos a reproduzir: Anselmo de Andrade — *A evolução da moeda*; Geraldino Brites — *Contribuições para o estudo anátomo-patológico do ovo humano*; Luciano Pereira da Silva — *A astronomia nautica das descobertas portuguezas*; L. Galois — *Les portugais et l'astronomie nautique à l'époque des grands decouverts*; Carlos de Mello — *Sobre abcessos cerebrais de origem otitica*; Egas Moniz — *As novas ideias sobre o hipnotismo (aspecto medico-legais)*; Ricardo Jorge — *Francisco Rodrigues Lobo*; Teixeira de Carvalho — *Garcia d'Orta*; J. Caeiro da Matta — *Actuais tendencias legislativas em materia criminal*; Ferraz de Carvalho — *Modernas ideias sobre a acção ignea*; Nogueira Lobo — *Notas de quimica biologica*; Teixeira de Carvalho — *A anatomia em Coimbra no seculo XVI*; Marques dos Santos e Alberto Pessoa — *Catálogo descritivo e iconográfico do Museu de Anatomia Patologica da Faculdade de Medicina de Coimbra* — *Miscellanea* — *Indices*.

# Galeria do «Occidente»



Desenho de Manuel de Macedo — O CEDRO DA FONTE DAS LAGRIMAS (Coimbra) — Gravura em madeira de Caetano Alberto

# CURSO INTERNACIONAL

TELEPHONE 3.830

Explicações para os Lyceus e Comercio — Lições a 2\$000 réis mensaes  
**LARGO DO CALDAS, 1, 2.º**

**Professores e professoras estrangeiras das especialidades e portuguesas, leccionam:**

Português, francês, inglês, alemão, hespanhol, italiano, theorica e praticamente. — Tachygrafia, musica, piano, violino, desenho, pintura do natural, canto e labores artisticos. — Photo-minialtura, tarso metalloplastia, veludo frappé, crysalida, vitraux, photo-pintura, cloutage, choreoplastia, pyrogravura, pyroscultura, pintura em relevo.

Explicações para os Lyceus e Escolas Industriales e Comerciaes. Todas as disciplinas, lições diarias a 5\$000 réis mensaes

## CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS

CREANÇAS: ao preço fixo de 2\$000 a 5\$000 réis mensaes tendo a pratica constante das linguas, frequentando as aulas que desejarem e podendo permanecer das 9 ás 5.

Pensionistas a 15\$000 e 20\$000 réis mensaes

Direcção: **MACEDO D'OLIVEIRA** — Largo do Caldas, 1, 2.º — LISBOA

# TIPOGRAFIA CESAR PILOTO

**11 e 12 — Largo de S. Roque — 11 e 12**

\* \* \* \* \* LISBOA \* \* \* \* \*

Trabalhos em todos os generos, simples e de luxo. Pontualidade, perfeição e preços moderados. \* \*



**Preparado**  
 que  
 por completo  
 tira a caspa  
 e  
 evita a queda do cabelo

**Lotion**

Marie Louise  
 (Registada)

**Deposito Geral**

RETROZHRIN IRMÃOS DAVID

Rua Garrett, 112-118

LISBOA

## Carlos Pimentel

Especialista de doenças da boca e dentes  
 Diplomado pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa  
 DENTISTA DA COOPERATIVA MILITAR

Tratamentos especiaes para senhoras e creanças, dentes artificiaes. etc.

Desinfectação meticolosa de todo o material operatorio

HONORARIOS MODICOS

Rua Garrett, 36. 1.º (frente para a R. Ivens)

## Confeitaria do Calhariz

de ALFREDO SA & C.ª

2, LARGO DO CALHARIZ, 3

Telephone: Central 1242

Secção de pastelaria — Licôres nacionaes e estrangeiros

— Vinhos finos e cognacs — Esmerado fabrico em todos os artigos de confeitaria

— Lampreias e doces de todas as qualidades.

Especialidade em chá e café

Fornece lanches para casamentos, baptizados e soirées

## Livraria Inglesa

DE  
**M. LEWTAS & TABOADA**

Grande sortido de livros de estudo e de recreio

Livros de missa e Semana Santa, East Cards

Grande sortimento de livros infantis proprios para presentes de creanças, livros de estudo inglezes para todas as classes adoptados nos lyceus.

Historia da Guerra illustrada com mappas e retratos, vistas das cidades attingidas pela Grande Guerra. Venda avulso e por assinatura.

Preços limitados

Grande sortido de papel inglez de luxo e de escritorio, jornaes de modas, revistas illustradas, havendo um grande saldo a liquidar para 100 réis.

Sortimento de guarda-chuvas, bengalas sombrinhas, tudo a preços limitados

138, R. do Arsenal, 144

## Cacau, Cakula e Chocolate Iniguez

Vende-se em toda a parte

BOMBONS e NOUGAT da FABRICA INIGUEZ

Kilo 1,500 réis



Os bombons da Fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca em todos os estabelecimentos

## CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia.

Pacote de 500 grammas 600 réis

GRAND PRIX-O Melhor Premio da Exposição-LONDRES 1904

CONTRA DEBILIDADE  
 VINHO NUTRITIVO DE CARNE  
 O MELHOR TONICO QUE SE CONHECE  
 TESTADO POR NUMEROSOS MEDICOS PORTUGUEZES E ESTRANGEIROS.  
 AVENDA EM TODAS AS PHARMACIAS

Prezado em medalhas de ouro, nas exposições: Lisboa, 1888, Paris, 1889, Belem, 1906, Anvers, 1904, Londres, 1904, Rio de Janeiro, 1906, etc.

Pedro Franco & C.ª  
 Rua de Belem, 147 - LISBOA

**Contra a debilidade**

Farinha Pectoral Ferruginosa da Farmacia Franço

Esta farinha é um precioso medicamento pela sua acção tónica reconstituente, do mais reconhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e, em geral, que carecem de forças no organismo, e ao mesmo tempo um excelente alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas ou creanças.

Está legalmente autorizado e previlgiado.

Pedro Franco & C.ª  
 DEPOSITO GERAL  
 RUA DE BELEM, 147 - LISBOA